

## **Memória e Novos Meios: A Narrativa Contemporânea Como Ferramenta da Musealização do Mundo <sup>1</sup>**

**Gisele Danusa Salgado Leske <sup>2</sup>**

**Lícia Maria Costa Fajardo Cerqueira <sup>3</sup>**

**Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF**

### **Resumo**

No início do século XXI, em meio aos avanços intelectuais e tecnológicos, percebe-se a presença da mídia em (quase) todos os aspectos da vida humana, evidenciando a impossibilidade de dissociação entre mundo real e virtual. A mídia envolve os indivíduos de maneira sutil e torna-se parte de suas vidas tal qual a atmosfera que envolve o planeta, originando uma relação de dependência imperceptível. Diante deste cenário em que a rede mundial de computadores apresenta-se como a mais nova forma de materialização da memória social, desenvolve-se esta pesquisa, a partir da relação entre memória, redes, novos meios e narrativas contemporâneas, tendo entre os autores analisados: Deuze (2006), McLuhan (2003 e 2007) e Candau (2012). O texto propõe uma breve reflexão acerca de como se forma a memória, individual e coletiva; seguida da relação entre imersão na rede, novos meios e narrativas contemporâneas, considerando-se que hoje há uma produção desenfreada de memória nos novos meios de comunicação, devido à imersão midiática e ao medo do esquecimento que originam uma etapa inédita de musealização do mundo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Novos Meios e Novas Linguagens do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

<sup>2</sup> Autora: Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). giseleleske@gmail.com

<sup>3</sup> Co-Autora: Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). liciafajardo@gmail.com

**Palavras-chave:** Memória; Narrativas Contemporâneas; Novos Meios; Redes Sociais; Sociedade em Rede.

## INTRODUÇÃO

A transformação da sociedade está intrinsecamente ligada aos processos comunicacionais que se fazem presentes em cada momento histórico, ao passo que a influência da mídia no comportamento humano é indiscutível. Isso ocorre porque a comunidade busca na mídia o reflexo de sua realidade e simultaneamente, se espelha nas produções midiáticas para construir seu mundo real, assim como salienta Braga (2006), ao refletir que “a mídia tematiza o mundo (...). Paralelamente, e de modo quase inevitável, a sociedade tematiza a mídia” (p.321).

No cenário contemporâneo, a mídia se faz presente em (quase) todos os aspectos da vida humana, eliminando a tênue linha que anteriormente dividia os espaços de sociais em “real/virtual”. Agora torna-se evidente a impossibilidade desta dissociação entre mundos, pois há de fato um espaço híbrido, devido a influência cíclica entre os espaços, pois a mídia envolve os indivíduos de maneira sutil e torna-se parte de suas vidas tal qual a atmosfera que envolve o planeta, originando uma relação de dependência imperceptível.

Castells (2001, p.19) reconhece que “as pessoas, as instituições, as empresas e a sociedade em geral, transformam a tecnologia, apropriando-a, modificando-a e experimentando-a especialmente no caso da Internet, por ser uma tecnologia da comunicação”. Diante deste cenário em que a rede mundial de computadores apresenta-se como a mais nova forma de socialização e também como espaço de materialização da memória social, é necessário refletir acerca das relações entre memória, redes, novos meios e narrativas contemporâneas.

Nesta breve pesquisa, apresenta-se um levantamento acerca de estudos sobre memória, novos meios e contemporaneidade nas áreas de Ciências Sociais e Comunicação, ao passo que a memória, em seu sentido mais amplo, encontra-se em constante construção, unindo passado e futuro pelo que se transcreve no presente por meio das narrativas.

O texto, base na leitura de obras de Ciências Sociais e Comunicação de autores renomados, como: Deuze (2006), McLuhan (2003 e 2007) e Candau (2012) propõe uma breve reflexão acerca de como se forma a memória, individual e coletiva; seguida da relação entre imersão na rede, novos meios e narrativas contemporâneas, considerando-se que hoje há uma produção desenfreada de memória nos novos meios de comunicação, devido à imersão midiática e ao medo do esquecimento que originam uma etapa inédita de musealização do mundo.

## **MEMÓRIA**

Em sua obra “Memória e Identidade”, Candau propõe três manifestações de memória: protomemória, memória de baixo nível e metamemória. A primeira refere-se à memória “automática”, de repetição, evidente no cotidiano do indivíduo; seria, de fato, a faculdade do ser humano de acessar em sua mente alguma recordação prática de modo inconsciente. A segunda está relacionada às lembranças autobiográficas, bem como a sensações e sentimentos. Já a terceira, relaciona-se a uma espécie de “reconhecimento” da memória do indivíduo e sua consequente “representação” diante da sociedade em que está inserido (memória evocativa ou metamemória), sendo que pode ser ampliada para o caso de representações coletivas. Sobre o conceito de memória coletiva é importante ressaltar, segundo o autor, que

é impossível admitir que essa expressão designe uma faculdade, pois a única faculdade de memória realmente atestada é a memória individual; assim, um grupo não recorda de acordo com uma modalidade culturalmente determinada e socialmente organizada, apenas uma proporção maior ou menor de membros desse grupo é capaz disso. De fato, em sua acepção corrente, a expressão “memória coletiva” é uma representação, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo. (CANDAU, 2012, p.24)

Já o sociólogo francês Maurice Halbwachs, que viveu de 1877 a 1945, reflete em sua obra “A memória Coletiva”, acerca a importância do acúmulo de conhecimento e do convívio social na formação da memória individual e admite que memórias alheias podem impregnar no inconsciente do indivíduo não apenas pelo

convívio mas também por meio do acesso à cultura geral (livros, músicas e outras formas de arte). O autor reconhece que

para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras, para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta construção se opere a partir de dados ou noções comuns que se encontrem tanto em nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 1990, p.34).

Admite-se de maneira geral que a memória coletiva seja uma construção social, visto que o homem é um ser social e encontra-se em constante evolução, indissociável do mundo que o cerca e das realidades a ele impostas. Dessa forma, o que afixa-se na memória do indivíduo, e é por ele externado de maneira consciente, diz respeito à sua posição no mundo: ou seja, depende de seu lugar no tempo e no espaço e é construído de maneira coletiva. Pollak, ao analisar a obra de Halbwachs, reforça:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p.2).

A memória passa então a ser entendida como um arquivo em constante construção que demanda organização, ainda que inconsciente. Então, Michael Pollak (1992, p. 2) lança o seguinte questionamento: “Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva?”. O próprio autor responde, logo em seguida, afirmando que a memória é constituída por acontecimentos, pessoas (ou personagens) e lugares. Ele afirma que esses aspectos podem ser vividos ou presenciados pessoalmente ou “por tabela”, quando “não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa”, principalmente no caso de uma construção coletiva da memória por meio de vivências relativas ao grupo ou coletividade a que o indivíduo pertence. Resumidamente, Pollak afirma que

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos, mas pode se tratar também da projeção de outros eventos (POLLAK, 1992, p.3).

Contudo, vale ressaltar que a capacidade humana de memória não é um arquivo universal em que pode-se inserir dados infinitos. Ao analisar este aspecto, Jô Gondar (2000, p.36) admite que “o esquecimento é necessário, não apenas para a evocação da lembrança – só lembramos porque esquecemos – mas para a própria constituição da memória”, o autor continua sua reflexão e fundamenta-se em Freud e Nietzsche para afirmar que

A memória só poderia favorecer a ação e a criação ao combinar-se com o esquecimento. Sem ele, nos diz Nietzsche, a memória se torna uma função odiosa, e “a lembrança uma chaga purulenta”. O esquecimento é pensado como libertador, permitindo um pouco de sossego, um pouco de tábua rasa da consciência, para que haja lugar para o novo” (GONDAR, 2000, p.41).

Neste trecho, esclarece-se que para memorizar novas informações é necessário que aquelas menos acessadas ou consideradas menos importantes pelo inconsciente do indivíduo sejam descartadas, dando espaço às novas memórias. Diante dessa realidade, a sociedade esforça-se coletivamente para arquivar as referências do passado enquanto continua a escrever novas histórias e encontra na Internet o espaço ideal para . É o desafio social da sustentabilidade da memória histórica que hoje, na Era da Sociedade em Rede, busca não apenas manter acesa a chama das narrativas passadas mas também preencher as lacunas nelas encontradas e ainda escrever novos capítulos, como trata-se a seguir.

## **MEMÓRIA E NARRATIVAS**

A história se apropria da memória para sua afirmação social, partindo do princípio de que o que não está escrito em fontes oficiais tem agora seu valor reconhecido, pois há a consciência de que as narrativas não estão obrigatoriamente transcritas, mas presentes em diversas formas. Nesse sentido a memória transmitida de geração a geração (de maneira oral, principalmente) ganha espaço na (re)construção dos fatos, pois como afirma Barthes, já nos anos 70,

inumeráveis são as narrativas do mundo. (...) Sob estas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas

as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade, não há, não há em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas (BARTHES, 1971, p.18 apud SANTAELLA, 2005, p.317).

Até o final do século XVIII, ou seja, antes da Revolução Industrial, os indivíduos exerciam funções manuais em seus ambientes de convívio, tanto no trabalho quanto em casa, e havia mais momentos de contato direto nos quais as pessoas compartilhavam experiências por meio da fala. Nesse período, experiências e histórias, lendas e mitos eram transmitidos além da literatura, por meio de narrativas orais que têm a importância da palavra ressaltada por uma autoridade mundial em comunicações de massa, McLuhan, ao salientar que

a palavra falada foi a primeira tecnologia pela qual o homem pôde desvincular-se de seu ambiente para retomá-lo de novo modo. As palavras são uma espécie de recuperação da informação que pode abranger, a alta velocidade, a totalidade do ambiente e da experiência. As palavras são sistemas complexos de metáforas e símbolos que traduzem a experiência para os nossos sentidos manifestos ou exteriorizados. Elas constituem uma tecnologia da explicitação. Através da tradução da experiência sensorial imediata em símbolos vocais, a totalidade do mundo pode ser evocada e recuperada, a qualquer momento (MCLUHAN, 2007, p.76).

Ao refletir acerca das estruturas narrativas, Todorov (1970, p.80) afirma que “a obra será sempre considerada como a manifestação de uma estrutura abstrata, da qual ela é apenas uma das realizações possíveis”. Pode-se entender que a narrativa é a transmutação de uma memória (real ou fictícia) para uma estrutura entendível por outro indivíduo, a qual possa ser transmitida de diversas maneiras: gestual, oral, simbólica, ou codificada como queira o emissor da mensagem. Essa transmissão ocorre hoje majoritariamente mediada por telas ou demais aparatos midiáticos, mas esta utilização se tornou tão corriqueira que passa despercebida, sendo então indiferenciada de uma transmissão não mediatizada, pois

há repercussões sociais e culturais extensas que ocorrem primariamente devido à maneira como a mídia está se tornando invisível, pois ela é tão difusa e ubíqua que as pessoas em geral nem mesmo se dão conta da sua presença em suas vidas (DEUZE, 2010, p.144).

McLuhan admite como mídia muito mais do que meios de comunicação, mas sim a totalidade de criações humanas que possibilitam um avanço comunicacional – e é esta colocação que se admite nesta pesquisa. Seus estudos voltam-se, em suma, aos

efeitos da mídia sobre o comportamento humano e sobre a ambiência originada por estes meios midiáticos, refletindo, de modo geral, acerca da capacidade do homem de criar extensões de seu corpo e de sua mente, bem como as consequências sócio-culturais de tais avanços. Tem-se como por exemplo a roupa como extensão da pele; o carro como extensão dos pés ou tratando-se especificamente dos meios de comunicação: o rádio como extensão dos ouvidos, a televisão como extensão dos ouvidos e dos olhos; como bem diz sua célebre colocação “meios de comunicação como extensão do homem”. Nas palavras do pesquisador e conhecedor da obra de McLuhan, Aluísio Trinta:

A principal tese que Marshall McLuhan defenderá, em aulas, livros e em entrevistas, será a de que é a índole mesma dos meios – e não seu eventual conteúdo – que tem alcance e consequências de ordem psíquica; e, por extensão, sociocultural. Considerando-se que cada tecnologia estende um modo de ver, sentir e fazer coisas, dotando de proporções bem definidas a toda percepção, isto implicará uma recomposição, um novo equilíbrio sensorial atingido. (...) cada readaptação efetuada altera nossa captação dos fatos do mundo pelos sentidos e significa um modo diferente de perceber nosso entorno; completado o processo, verificam-se mudanças nas interações e nas instituições, vale dizer, na cultura como um todo (TRINTA, 2003, p.7).

O pesquisador da Universidade de Amsterdam, Mark Deuze (2010, p. 141), segue a conceituação de mídia apresentada por McLuhan e afirma que “[as mídias] formam e estruturam a maneira como percebemos e compreendemos o mundo à nossa volta”. Segundo este pesquisador de temas como a imersão e a invisibilidade midiática na contemporaneidade,

é preciso deixar claro que se entende por mídia não apenas tipos de tecnologias e porções de conteúdo que escolhemos e coletamos do mundo à nossa volta- uma visão que considera as mídias como agentes externos que nos influenciam de variadas maneiras. De fato, hoje temos de reconhecer como os usos e apropriações da mídia permeiam todos os aspectos da vida contemporânea (DEUZE, 2010, p.140).

Diante de tais reflexões, torna-se necessário entender a relação da sociedade para com os novos meios e as utilizações práticas que se faz da mídia no que se refere à memória social. Ao reconhecer o valor do passado, a sociedade passa a estimar a transmissão de conhecimento e de histórias como garantia da segurança patrimonial, quanto mais hoje, em meio a uma sociedade globalizada e globalizante – a Sociedade

em Rede (Castells, 1999) – em que as questões modernas se disseminam tão rapidamente por todo o globo.

Segundo Marialva Barbosa (2013, p.352), em seu livro História da Comunicação no Brasil, “as tecnologias da informação e da comunicação criaram gradualmente a partir da virada do milênio uma nova cultura: a cultura digital”. Esta cultura digital deve estar atenta aos registros de memória de cada comunidade para que a essência não se dissipe em meio a imensidão de possibilidades do ambiente digital.

## **NOVOS MEIOS E A IMERSÃO MIDIÁTICA**

A importância de estar inserido na “realidade virtual/digital” está no reconhecimento social da própria existência perante o mundo como um todo. Isso ocorre por meio da inserção da memória nas narrativas contemporâneas, pois a inclusão digital torna-se requisito para o fortalecimento cultural diante da globalização. Trata-se de uma grande teia da qual ou se faz parte, dialogando direta ou indiretamente com outras culturas, ou se torna excluído socialmente, ao passo que

no espaço dialógico da realidade virtual na Internet, a sociedade se revelaria “um corpo multivozes metamorfoseando-se”, implicando para a democracia, real ou virtual, a necessidade de sustentar a interação ou a solidariedade das “vozes” do seu corpo e, ao mesmo tempo, de respeitar sua heterogeneidade (MALINI e ANTOUN, 2013, p.78)

Essa questão da inserção digital reforça a ideia de que a Internet representa um grande espaço de memória e estar inserido no mundo “virtual” reforça a própria ideia de existência no mundo “real”. O espaço virtual assume papel de arquivo para os jovens considerados “nativos digitais<sup>4</sup>”, que passam a utilizá-lo não apenas para socializar mas também para arquivar digitalmente suas memórias em tempo real, pois é por meio das novas redes sociais que os jovens arquivam suas fotos, imagens produções e também documentos.

Devido à amplitude dos conteúdos postados em redes sociais, o mercado de trabalho também recorre a estas como base de dados, pois segundo o portal Pense Empregos, “recrutadores estão contando com as redes sociais para encontrar

---

<sup>4</sup> Nativo digital é aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes em sua vivência. Tecnologias como videogames, Internet, telefone



informações adicionais sobre potenciais candidatos”. As redes tornam-se ainda fonte para pesquisas em âmbito policial, ao passo que quando há um crime, logo investigadores recorrem aos perfis sociais dos envolvidos para obter informações particulares em busca de esclarecimentos acerca dos fatos. Da mesma forma, a mídia recorre a estas ferramentas para tornar pública a vida do indivíduo envolvido em acontecimentos midiáticos, o qual passa a ser tratado como personagem de uma narrativa ficcional.

Os novos meios possibilitam a interação entre usuários de modo que uma narrativa particular pode ganhar maior audiência e tornar-se uma narrativa social. Um grande exemplo desta metamorfose se deu nos Estados Unidos diante do ataque às Torres Gêmeas (World Trade Center):

O 11 de Setembro marcava uma nova era da informação, em que a Internet ocuparia cada vez mais o centro por onde se produzia as principais informações sobre grandes acontecimentos. Os testemunhos online de sobreviventes e de testemunhas oculares se transformaram em excepcionais arquivos da tragédia global que, em dado momento, destoava das explicações consensuais da grande mídia (ANTOUN E MALINI, 2013, p.127).

Assim, as “auto-biografias” dispostas nas redes sociais tornam-se fonte de informação acerca dos indivíduos que delas fazem parte, e estas informações, visto que foram inseridas pelos próprios usuários, adquirem valor testemunhal, pois

ao postar fotos e textos em “tempo real” no Facebook, os usuários da internet estão produzindo registros e postando-os no momento exato da produção do fato. Assim, torna-se um registro sobre o momento instantâneo para um presente também instantâneo, quase como que um presente-passado e um presente-presente, que podemos chamar de atual. Essa memória do presente é uma memória efêmera e imediata, compartilhada em tempo real com seus amigos e familiares. Esta, que podemos chamar de memória compartilhada, seria uma espécie de memória imediata e, ao mesmo tempo mediada pelo espaço virtual, o ciberespaço (HENRIQUES e DODEBEI, 2013, p.15).

Para a geração dos nativos digitais, a necessidade de registrar passo a passo de sua rotina está relacionada ao medo do esquecimento incutido no indivíduo por uma política econômica capitalista, extremamente replicada midiaticamente pela popularização da expressão *Carpe Diem*, que significa “aproveite o dia”, “viva o momento”. Diretamente atingidos pelas mensagens da mídia, os jovens são indiretamente incentivados a produzir memória a todo instante, por meio de registros digitais de grande parte de seu dia-a-dia,

daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado. O sentimento de um desaparecimento rápido e definitivo combina-se à preocupação com o exato significado do presente e com a incerteza do futuro para dar ao mais modesto dos vestígios, ao mais humilde testemunho a dignidade virtual do memorável (NORA, 1993, p.14).

Além da necessidade de registrar todos os seus feitos, há ainda a questão de interatividade presente nas novas mídias que faz com que os indivíduos conectados possam interferir no andamento das narrativas em rede de outros indivíduos. Não se trata única e exclusivamente de “compartilhar/curtir/comentar” as postagens alheias, mas sim de construir coletivamente uma narrativa comum. Entram em questão as narrativas colaborativas, como por exemplo a cobertura alternativa das manifestações ocorridas em Junho de 2013 no Brasil, as Jornadas de Junho. Em tempo real, ativistas e manifestantes disseminavam via *streaming*<sup>5</sup> o que se passava nas ruas de diversas cidades do país, de forma independente. Esses conteúdos, por sua vez, eram compartilhados nas redes sociais, levando a informação a um número exponencialmente maior de espectadores, os quais poderiam (re)compartilhar os materiais audiovisuais e/ou adicionar a esse compartilhamento a sua própria opinião.

Percebe-se, então, que as narrativas contemporâneas em rede são uma forma prática de compartilhamento da memória. Diante da atual Sociedade em Rede, a quantificação da memória por meio das ferramentas digitais se torna evidente e ao mesmo tempo é naturalizada pela sociedade que, até de maneira inconsciente, está registrando cada passo e cada gesto de sua existência.

## CONSIDERAÇÕES

A memória, tal qual a narrativa jornalística, é um espaço de transcrição da realidade. Ambas (memória e narrativa) são discursos em construção contaminados pela subjetividade de quem narra. Assim, torna-se claro que não é possível atingir o ideal da objetividade e da clareza total dos acontecimentos por meio de uma única construção, ao passo que a subjetividade é inerente ao ser humano e se faz presente

---

<sup>5</sup> Streaming é a prática de compartilhamento de conteúdo multimídia pela Internet, utilizando plataformas específicas ou redes sociais; transmissão online em tempo real.

em todo e qualquer relato, seja por meio de estratégias previamente articuladas ou pela simples transcrição a partir de um prisma determinado. Diante disso, percebe-se que não há uma realidade soberana e sim múltiplas versões de um mesmo fato, de modo que memórias distintas não devem ser tratadas dicotomicamente como “certa/errada” ou “verdadeira/falsa” e sim, como memórias complementares, cada qual com sua devida importância histórica e social.

Caracteriza-se a cultura oral como forma primordial de memorização mas, posteriormente, engloba-se neste alicerce as demais formas de comunicação que se dão por meio de símbolos, estratégias e recursos diversos. A tecnologia de redes possibilita a troca instantânea de produções culturais, visto que a comunicação contemporânea ultrapassa as barreiras de tempo e espaço e disponibiliza mundialmente os conteúdos no momento em que são produzidos.

Pela análise dos estudos de Barthes e McLuhan percebe-se que o ato de narrar memórias está presente na vida da humanidade desde os princípios, até mesmo nos tempos pré-históricos, pois não havia escrita (e portanto não há documentos oficiais produzidos naquele período) mas já havia a comunicação gestual e oral que torna o indivíduo capaz de produzir memória por meio da narrativa. Já as colocações de Deuze, refletem acerca da presença da mídia na sociedade, mediando relações de forma sutil, em suas palavras, trata-se da “invisibilidade da mídia”.

Hoje, as narrativas espalham-se pela rede mundial de computadores de modo que as diferentes comunidades não dependem mais do contato direto para que haja intercâmbio cultural e a tendência é que se produzam cada vez mais narrativas em tempo real, de modo que a produção e disseminação ocorram simultaneamente e alcancem muitos espectadores (que, por sua vez, podem também tornar-se multiplicadores do conteúdo).

Vive-se um momento de imersão midiática que faz desaparecer a diferença entre mundo real e mundo virtual, colocando em linha de igualdade os laços de relacionamentos e interação social, valorizando os níveis harmônicos entre os usuários e não seu contato ou proximidade física. Esse cenário facilitado pelas redes e facilitador de seu funcionamento e aprimoramento, evidencia que a mídia não pode ser desconsiderada em nenhum estudo social contemporâneo, pois ela está presente mesmo quando não se faz percebida.

Por fim, percebe-se que a evolução nos processos de registro de memória, desde a criação da escrita até o surgimento das modernas tecnologias de informação (TI), faz com que o século XXI inaugure uma era repleta de novas relíquias memoráveis. É tempo de resgatar memórias esquecidas, reconstruir memórias silenciadas e refletir acerca da produção de novas memórias, incentivada pela sociedade capitalista que reforça no indivíduo o medo do esquecimento.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura Vol. I** (trad) Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DEUZE, Mark. **O Jornalismo e os novos meios de Comunicação Social** (trad. Isabel Freire). Revista Comunicação e Sociedade, vol. 9-10, p. 15-37. 2006.

\_\_\_\_\_. **Vida Midiática**. Revista USP, São Paulo, n.86, p.139-145. Junho/Agosto de 2010.

\_\_\_\_\_. **Viver como um Zumbi na Mídia (É o Único Meio de Sobreviver)**. Revista Matrizes. São Paulo. Ano 7. N.2 . p. 113-129. Julho/Dezembro 2013.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad de Laurent de Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990 (Tradução de : La mémoire collective).

HENRIQUES, Rosali; DODEBEI, Vera. **Os rastros digitais e a memória dos jovens no Facebook**. VIII Congresso da SOPCOM.2013. Disponível em <http://pesquisafacomufjf.files.wordpress.com/2013/06/os-rastros-digitais-e-a-memc3b3ria-dos-jovens-no-facebook-dodebei-vera-henriques-rosali.pdf>

KELLENER, D. **A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo** in Líbero, Brasil, v. 6, n. 11, 2007. Disponível em <http://200.144.189.42/ojs/index.php/libero/article/view/3901/3660>. Acessado em 18 jul. 2014.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem** (trad. Decio Pignatari). São Paulo: Cultrix, 2007 (18 edição, 2012).

MCLUHAN, H.M. *Understanding Media: The Extensions of Man*. New York: The New American Library, 1964.

MELUCCI, Alberto. Juventude, **Tempo e Movimentos Sociais**. Revista Young. Estocolmo: v. 4, nº 2, 1996, p. 3-14. Trad. PERALVA, A. T. IN: PERALVA, A. T, SPOSITO, M. P (orgs). Revista Brasileira de Educação nº 05 e 06. Rio de Janeiro, 1997.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares**. (trad) Yara Aun Khoury in PROJETO HISTÓRIA, Revista do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, n. 10, 1993, p. 1-178.

PERNISA Jr, Carlos. **Narrativas Contemporâneas: Comunicação e Arte em Tempo de Convergência**. Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília, ISSN 1981-2132. 2010

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social** in Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia**. 3 ed. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **Análise estrutural da narrativa**. In: TODOROV, Tzvetan. As estruturas narrativas. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 79-89.

TRINTA, Aluízio. **Marshall McLuhan, essencial**. Lumina, Juiz de Fora, v.6, n.1/2, p. 1-14, jan./dez. 2003.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Volume I - Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular. 2004.